

4

OS CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa de campo, assim como fazer uma descrição do campo de pesquisa e apresentar as principais observações e reflexões sobre o mesmo.

4.1

Procedimentos Metodológicos

Em um trabalho de pesquisa, a metodologia se refere ao caminho percorrido pelo pesquisador para ordenar o que será feito no momento da abordagem prática da realidade social, ou seja, é o modo de realizar uma investigação científica, tendo como base os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa. É neste sentido, que a metodologia tem uma função muito importante, pois guia o pesquisador conforme os critérios científicos e o referencial teórico adotado. Na medida em que é preciso ter rigor, cuidado e disciplina tanto no que diz respeito à escolha dos métodos e técnicas de recolha e análise dos dados como na própria condução da pesquisa.

Segundo Deslandes (2004), a metodologia não apenas contempla o momento exploratório de campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem e construção de estratégias para entrada em campo), como também determina os instrumentos e procedimentos a serem utilizados na análise dos dados. Deste modo, a metodologia pode ser entendida como o conhecimento e habilidade necessários ao pesquisador para a orientação do processo de investigação, seleção dos conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados.

Do ponto de vista metodológico, no que diz respeito a este estudo – Crianças e Adolescentes em Situação de Rua na cidade de Porto Novo, ilha de Santo Antão, Cabo Verde - adotamos a metodologia da pesquisa qualitativa dentro de uma abordagem que é feita nas Ciências Humanas e Sociais. Segundo Minayo, a abordagem qualitativa

“responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitude, o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações, dos processos, dos fenômenos

que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2004, pg 21).

Deste modo, este tipo de pesquisa nos permite abordar a criança e o adolescente através de uma perspectiva diferenciada, levando-se em conta os múltiplos aspectos da sua subjetividade e do seu cotidiano, pois estaremos privilegiando a fala das crianças e adolescentes entrevistados. Cabe ressaltar que ao optarmos pela pesquisa qualitativa não estamos descartando a abordagem quantitativa, na medida em que entendemos que ela é fundamental, pois se propõe a apreender os dados mais concretos e objetivos dos fenômenos sociais.

Alguns autores como Minayo (2004) e Triviños (1987) ao discorrerem sobre este assunto, destacam que as abordagens qualitativas e quantitativas não são antagônicas, e sim complementares sendo possível uma interlocução entre ambas. Ressaltam ainda, que o que caracteriza a diferença entre as mesmas é a natureza dos dados coletados. Neste sentido Minayo afirma que

“o conjunto dos dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia (Minayo, 2004, pg 22). E nas palavras de Triviños “toda pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. Na prática ocorre que toda investigação baseada na estatística, que pretende obter resultados objetivos, fica exclusivamente no dado estatístico. Raramente o pesquisador aproveita essa informação para avançar numa interpretação mais ampla da mesma (Triviños, 1987, pg 118).

Cabe frisar que trabalharemos com os aportes teóricos das Ciências Humanas e Sociais, tendo em conta que as discussões e reflexões realizadas pelos Sociólogos, Antropólogos e Assistentes Sociais sobre o tema é válida para a nossa discussão, e também por ser um enfoque que mais se aproxima do ponto de vista no qual faremos nossa reflexão. Esta abordagem é válida também para a nossa discussão e reflexão, por ser um enfoque que leva em consideração o contexto dos fenômenos sociais estudados, privilegiando a prática e o propósito transformador do conhecimento que se adquire através da realidade social do fenômeno que se pretende conhecer além da sua aparência. Este enfoque nos permite também identificar as causas, as conseqüências e a origem do fenômeno estudando, assim como as suas contradições, suas relações, suas mudanças, suas dimensões quantitativas e qualitativas e com isso desenvolver ações que possibilitem um processo de transformação da realidade social dos sujeitos estudados.

A nossa pesquisa se espelha na pesquisa realizada pelo CIESPI que teve como público-alvo crianças e adolescentes que se encontravam em situação de rua, com idade

compreendida entre os 8 e 19 anos em vários bairros da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa envolveu mais de 100 profissionais, como educadores sociais das várias instituições que fazem parte da Rede Rio Criança, estagiários e pesquisadores.

Esta pesquisa foi baseada no método – “*Sistema Criança Rua*” do professor Ricardo Lucchini. Esta metodologia prima pelo conhecimento da criança, pelo entendimento e pela articulação existente entre algumas dimensões da sua vida (Espaço, Tempo, Oposição rua/família, Sociabilidade, Atividades na rua, Socialização sob cultura identidade, Motivações e Gênero), assim como identificação das suas competências e vulnerabilidades. Isso contribui para a definição do perfil da criança e a elaboração de uma estratégia de trabalho e potencialização da criança. Para isso se torna fundamental a coleta de informações sobre as crianças, os lugares, os meios por onde circulam as relações que se efetivam entre os diferentes meios com as diferentes dimensões que compõem o *Sistema Criança Rua*. Para este tipo de metodologia, é necessária a existência de uma observação sistemática da criança por um período considerável do tempo, pois esta observação possibilita aprender da melhor forma, segundo Stoecklin, as lições (...) entre as dimensões da experiência de rua da criança que permitem uma melhor compreensão de suas necessidades e competências (Stoecklin, 2000, apud Rizzini et all, 2003, pg 129).

Esta pesquisa coordenada pelo CIESPI pretendia compreender os sentidos e significados subjetivos explicitados pelas crianças e adolescentes em situação de rua, através de uma metodologia qualitativa que inclui a coleta e análise dos dados, no qual foi possível o envolvimento ativo das instituições ligadas a Rede Rio Criança. Esta pesquisa visava ampliar o conhecimento sobre as crianças e adolescentes que transitam, trabalham e/ou dormem nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

O objetivo principal desta pesquisa foi de identificar o perfil das crianças e adolescentes em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro, no período de Outubro a Dezembro de 2001, caracterizando-as em seus contextos de vida, no intuito de compreender as suas necessidades básicas conforme elas as expressavam. A proposta da pesquisa era de captar as informações de como a criança se via e percebia o mundo no qual estava inserida, de modo a fornecer alguns subsídios para que possa orientar as ações da Rede Rio Criança. Buscava-se ainda, com esta pesquisa, explorar os elementos que pudessem favorecer uma melhor relação com estas crianças e jovens, retratando seus desejos, sonhos, aspirações, e expectativas, a partir do resgate das suas

trajetórias de vida da forma mais ampla possível no curto tempo disponível (Rizzini et all, 2003, pg 128)

Neste sentido, foram realizadas 60 entrevistas, mas a pesquisa contempla relatos de 67 crianças e adolescentes, isso porque em alguns casos mais de uma criança participou de uma mesma entrevista. Dos 67 depoimentos, 48 foram dados por meninos e 19 por meninas. Cabe dizer ainda, que 45 entrevistas foram realizadas nas ruas e 15 nos abrigos. Com o objetivo de aprofundar a história de vida das crianças, decidiram realizar uma segunda entrevista com cinco crianças e adolescentes que se encontravam abrigados.

Para a realização da análise a equipe elaborou cinco tópicos ou categorias que dizem respeito a diferentes aspectos da vida das crianças e dos adolescentes entrevistados. As categorias são: Multiplicidades de vínculos e trajetórias; Cotidiano da rua; Mobilidade; Identidade e subjetividade; e Percepções sobre mudanças na rua. A equipe traçou estas categorias porque lhes possibilitavam uma compreensão mais clara da vida das crianças e adolescentes que eles encontraram em situação de rua.

A nossa pesquisa teve como objeto de estudo e de investigação as crianças e adolescentes com a idade compreendida entre os 8 e 19 anos, que se encontravam em situação de rua na cidade de Porto Novo, ilha de Santo Antão – Cabo Verde.

Cabe dizer aqui, que inicialmente a idéia era de realizar a pesquisa na cidade no qual a pesquisadora é residente – cidade da Praia - ilha de Santiago, por ser a capital do país e também por ser uma cidade no qual o fenômeno das crianças e adolescentes em situação de rua é visível. Mas, depois de alguns encontros com alguns atores sociais e pessoas ligadas a esta problemática, como sociólogos, antropólogos, assistentes Sociais, Historiadores, educadores sociais que trabalham nas instituições que atendem crianças e adolescentes em situação de risco e que estudam e/ou estudaram esse tema, optamos por aceitar a sugestão deles de mudar o campo da pesquisa para outra ilha onde não existia informação sobre o fenômeno. Uma vez que os estudos já existentes abordam apenas as crianças e adolescentes em situação de rua nas três principais ilhas do país, Santiago, São Vicente e Sal.

A escolha da ilha de Santo Antão para a realização da pesquisa se deu, pelo fato desta ser a terceira maior ilha do país e representa cerca de 11% da população total e também, por ser considerada a ilha mais pobre de Cabo Verde. A escolha desta ilha se deu também porque não existe nenhum estudo nem dados estatísticos sobre a situação

das crianças e adolescentes nesta ilha e também porque não se ouve falar de crianças e adolescentes em situação de rua em Santo Antão.

Deste modo, achamos interessante utilizar esta ilha como campo de pesquisa, uma vez que poderíamos comparar as crianças e adolescentes encontradas em situação de rua nesta ilha com as crianças e adolescentes da ilha de Santiago (Praia), e ao mesmo tempo fazer um paralelo com as crianças e adolescentes do Rio de Janeiro. Outro motivo que levou a escolha desta ilha é que o resultado deste estudo pode despertar interesse das instituições e dos atores sociais para a problemática da situação das crianças e dos adolescentes nas outras ilhas, assim como pode contribuir para suscitar e influenciar, discussões, debates e reflexões sobre o tema em todas as ilhas, uma vez que apresentaremos dados e análise qualitativa das dos relatos das crianças e dos adolescentes entrevistadas.

A pesquisa teve três momentos distintos, mas que se articulam entre si. O primeiro momento foi de reconhecimento do campo da pesquisa uma vez, que a pesquisadora era de outra ilha, a de Santiago. Iniciamos a pesquisa, nesta ilha, com objetivo de fazer uma observação sistemática, pois esta observação contribui para que possamos apreender de forma mais intensa o cotidiano das crianças e adolescentes pesquisados assim como as atividades por eles desenvolvidas. Como a pesquisadora não tinha nenhuma informação sobre o seu objeto de estudo nesta ilha, decidiu procurar algumas instituições públicas e privadas como Câmara Municipal, Tribunal de Justiça, Procuradoria da República e Delegacia de Polícia que poderiam dar algumas informações sobre o público pesquisado.

Este primeiro momento da pesquisa demorou cerca de três meses (Março, Abril e Maio), na medida em que foi necessário acompanhar por algumas vezes o agente policial senhor A, nas visitas as famílias de algumas crianças e adolescentes que se encontravam em situação de rua, para que pudéssemos ter contato com elas assim como freqüentar os locais que são utilizados por esta camada da população, como praças, praias de mar, cais do porto, bairros nobres que concentram hotéis, restaurantes, pousadas, supermercados e bares contribuindo assim para o estreitamento de laços e assegurar futuros encontros para a realização das entrevistas.

O segundo momento da pesquisa consiste na aplicação do questionário. O questionário foi aplicado no quarto mês da pesquisa (Junho), porque era necessário primeiramente conhecer o campo de pesquisa, assim como assegurar a existência de um elo entre as crianças, os jovens e a pesquisadora, como também estabelecer uma relação

de confiança entre ambos para que as informações dadas fossem o mais próximo possível da realidade vivida por eles.

Neste sentido, aplicamos num primeiro momento, três questionários que serviram de pré-teste, pois precisávamos avaliar o instrumento da coleta de dados, tendo em conta que o questionário utilizado baseou-se do questionário elaborado pelo CIESPI para a pesquisa realizada no Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que foram privilegiados alguns aspectos da vida das crianças e adolescentes de Cabo Verde, e outros aspectos do questionário do CIESPI foram mantidos para que pudéssemos fazer o contraponto com a realidade do Rio de Janeiro.

No questionário constam os aspectos da vida dos pesquisados, que nos permitem traçar o perfil das crianças e adolescentes em situação de rua nesta cidade, assim como identificar os motivos e/ou fatores que contribuem para que eles partam para as ruas. No total foram aplicados onze questionários, inclusive os três que serviram como pré-teste.

Cabe dizer que foram aplicados apenas onze questionários, porque chegamos a um ponto de saturação na medida em que percebemos que as informações estavam sendo repetitivas. Como o objetivo principal do estudo foi fazer uma análise qualitativa das falas das crianças e adolescentes, optamos por finalizar a aplicação dos questionários, na medida em que esse número mostrou-se suficiente para ilustrar a iniciação do fenômeno nesta ilha. Apesar de não contabilizarmos, durante o período que permanecemos nesta ilha, seis meses, percebemos que o número de crianças e adolescente em situação de rua é maior do que apresentamos como amostra.

Cabe ressaltar que, apesar do questionário e do roteiro da entrevista estavam escritos em português, no momento da aplicação dos mesmos, optamos por perguntar no dialeto local, na medida em que seria mais acessível para as crianças e os adolescentes entender a pergunta e responder de uma forma clara, já que não dominavam a língua portuguesa.

Para a aplicação do questionário era preciso combinar o local e a horário antecipadamente porque dificilmente encontrávamos os nossos informantes no mesmo local. A maioria dos questionários foi aplicada numa lanchonete do bairro do Abufador, que é conhecida pelos informantes. Essas breves entrevistas foram realizadas num período de pouco movimento, entre as 13 e as 18 horas. Escolhemos este local porque tinha um espaço no fundo que era reservado e discreto, pois as crianças não queriam ser vista na companhia da pesquisadora por outras pessoas. A aplicação dos questionários demorava em media cerca de uma hora.

O terceiro momento da pesquisa foi à seleção de três casos para a realização da entrevista de profundidade. A seleção foi feita com base em dois fatores: primeiro, as crianças tinham que mostrar que estavam interessadas e dispostas em continuar a entrevista; segundo, tínhamos que observar se suas histórias de vida eram típicas de crianças e adolescentes em situação de rua, já que o objetivo da entrevista foi de conseguir informações sobre a história e experiência de vida de crianças e adolescentes em situação de rua, e com isso aprofundar alguns aspectos que nos leva a traçar a sua trajetória de vida e contrapor com as crianças e adolescentes da pesquisa do Rio de Janeiro.

Para a realização da entrevista de profundidade utilizamos como instrumento de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada na medida em que esse instrumento nos possibilita aprofundar a história de vida do grupo pesquisado. Os três informantes que participaram da entrevista eram do sexo masculino e tinham entre onze e treze anos de idade. Cabe frisar que encontramos apenas uma menina em situação de rua, mas não foi possível aplicar o questionário porque através do contato que tivemos com ela foi possível constatar que ela tinha algum distúrbio mental ou problemas psicológicos. Todas as entrevistas foram realizadas na casa da pesquisadora uma vez que era muito difícil realizá-las na rua ou nos bares, pois chamava muita atenção das pessoas, e as crianças tinham muita dificuldade para se concentrar e falar sobre as suas experiências.

As entrevistas foram realizadas nos meses de Julho e Agosto. Demoramos cerca de um mês e meio para completar as três entrevistas, porque os informantes não apareceram para realizarmos a entrevista. E tivemos que procurá-los novamente e convencê-los a participar da segunda entrevista.

Foi necessário realizar duas entrevistas com cada um dos entrevistados porque eles não conseguiam ficar mais de uma hora no mesmo lugar conversando sobre o mesmo assunto. Durante as entrevistas podemos observar, que depois de algum tempo eles ficavam inquietos, sem vontade e sem interesse de continuar a entrevista. O que fez com que a entrevista fosse reiniciada por várias vezes, também porque com frequência eles falavam de outro assunto, como por exemplo, a briga dos vizinhos, histórias de pessoas que já morreram fantasmas, passeios pela praia de mar, que tomamos como material de pesquisa.

Na entrevista privilegiamos alguns aspectos que fundamentaram a nossa discussão e a análise sobre as seguintes categorias: “Filhos de Dentro” X “Filhos de

Fora”; O Processo de Ida Para Rua; As Relações Afetivas; O Cotidiano das Ruas; e As Percepções das Crianças e dos Adolescentes;

Na realização da pesquisa utilizamos a técnica de história de vida por ser considerada válida para este tipo de pesquisa, estudo que foi realizado. Pois,

“história de vida é um recurso utilizado para estudar um determinado acontecimento, instituição ou personalidade a partir do relato de vida de pessoas que tiveram algum tipo de envolvimento com o objeto estudado. O objetivo é investigar como o informante vivencia ou vivenciou determinada situação” (Rizzini; Castro; Sartor, 1999, pg 69).

A nossa intenção foi de coletar dados qualitativos sobre a vida das crianças e adolescentes entrevistados como, por exemplo, visão de mundo, expectativas de vida, futuro, projetos, sonhos, anseios. O recolhimento destas informações foi baseado no relato das próprias crianças e adolescentes entrevistadas. A utilização desta técnica nos possibilitou recuperar, resgatar e esclarecer alguns fatos da vida das crianças e adolescentes entrevistadas e com isso traçar a sua trajetória de vida.

Para análise dos dados, utilizamos como recurso a análise de conteúdo, pois a utilização desta técnica nos permite ir além da aparência dos fenômenos sociais e compreendê-los de uma forma mais aprofundada. A análise de conteúdo

“é concebida como uma técnica de investigação que tem por objetivo ir além da compreensão imediata e espontânea, ou seja, ela teria como função básica a observação mais atenta dos significados de um texto, e isso pressupõe uma construção de uma ligação entre as premissas de análise e os elementos que aparecem no texto” (Rizzini; Castro; Sartor, 1999, pg. 91).

Cabe ressaltar que antes do início da aplicação dos questionários e da realização das entrevistas foi esclarecido a cada uma das crianças e adolescentes, o objetivo, o motivo e a finalidade da pesquisa, destacando os aspetos éticos da pesquisa que envolve os seres humanos, assim como ressaltando a importância da contribuição de cada uma delas para a concretização da pesquisa.

Cabe ressaltar ainda que, a nossa pesquisa teve como base um exaustivo levantamento bibliográfico dos documentos, revistas, jornais e relatórios produzidos pelas instituições governamentais e não governamentais que atendem este público. A pesquisadora visitou também algumas instituições de atendimento as crianças e adolescentes em Cabo Verde. Assim como, realizou um levantamento das produções acadêmicas brasileiras e internacionais que discutem o fenômeno das crianças e

adolescentes em situação de rua de acordo com a perspectiva teórica que adotamos para a realização deste estudo.

4. 2 **Diário Etnográfico**

As atividades da pesquisa se iniciaram no mês de Março e terminaram no mês de Setembro de 2006. Nas três primeiras semanas do primeiro mês foram realizadas algumas visitas às instituições que estão ligadas à problemática da criança e do adolescente na cidade da Praia, que é a capital de Cabo Verde, pois é lá que se concentram as principais instituições públicas e ONG's que estão direcionadas para o público infanto-juvenil. Ainda neste mês a pesquisadora teve contato com alguns atores sociais como, por exemplo, sociólogos, antropólogos, assistentes sociais, educadores sociais, psicólogos, que trabalham nestas instituições e que estão diretamente ligados à problemática das crianças e dos adolescentes em Cabo verde. Para estes atores é necessário fazer um trabalho de base com esta população jovem que está em situação de rua e com suas famílias, visando à reinserção familiar dos mesmos. Segundo estes mesmos atores é preciso também, um trabalho articulado entre as várias instituições de atendimento as crianças e adolescentes, pois só assim a criança e adolescente será atendida na sua totalidade. Também falaram que este é um fenômeno recente no país, mas é preciso tomar medidas preventivas porque a tendência é que este número aumente cada vez mais.

No final do mês de Março a pesquisadora viajou para a ilha de Santo Antão para iniciar a pesquisa de campo, tendo como objetivo a observação das crianças e adolescentes nas ruas dessa ilha. Ao chegar ao local do desembarque (Cais de Porto Novo), observou que existia alguma movimentação de pessoas adultas, adolescentes, viaturas de transporte de passageiros e de mercadorias, Pescadores, Policiais, Carregadores de Cargas, Fiscais, Guarda Costeira, e do lado de fora se encontravam algumas pessoas observando a chegada do barco e uma enorme fila de carros aguardando para entrar no cais uma vez que não tinha espaço para todos os veículos estacionarem.

Depois da sua instalação na ilha, a pesquisadora começou a procurar as instituições públicas existentes como Câmara Municipal, Tribunal da Justiça, Procuradoria de menor, e Polícia, para coletar informações sobre a situação das crianças

e adolescentes, famílias, instituições que atendem esta camada da população, e quem são os atores sociais que trabalham com a camada juvenil. A informação que a pesquisadora obteve é que nesta ilha existem apenas duas instituições públicas que estão diretamente relacionadas ao atendimento das crianças e dos adolescentes: a Câmara Municipal, através do setor de Promoção Social, e o Tribunal da Justiça através do Procurador da República que é a pessoa responsável por todas as questões que dizem respeito às crianças e adolescentes. Existe também nesta ilha uma Organização Não Governamental Dinamarquês – BORNEFONDEN – que está na ilha há 14 anos, cujo objetivo principal é apoiar as crianças mais carentes através do sistema de apadrinhamento. Esta instituição apóia as crianças principalmente na Educação, na Saúde, Habitação e Desenvolvimento Comunitário.

A pesquisadora foi para rua durante três dias consecutivos no período de 11:30 as 15:00 horas. Durante estes dias caminhou por vários lugares (bairros) da Cidade de Porto Novo, mas não percebeu nenhuma movimentação de crianças ou de pessoas que chamassem a sua atenção. Ao contrário da cidade da Praia e do Rio de Janeiro que a qualquer hora do dia é possível encontrar muita movimentação de pessoas e é visível o agrupamento de crianças e adolescentes nas ruas. Em Santo Antão, nesses horários havia pouca movimentação de veículos e de pessoas.

A pesquisadora achou essa situação um pouco estranha porque o Comandante da Polícia e o Procurador tinham informado que a pesquisadora poderia encontrar algumas crianças e adolescentes em alguns pontos da cidade. Deste modo, começou a questionar porque as ruas estavam desertas? onde estariam as crianças? Depois de alguns dias a pesquisadora procurou novamente o Procurador e o Comandante já que os mesmos se mostraram interessados e disponíveis em contribuir e esclarecer algumas situações duvidosas que pudessem aparecer no decorrer da pesquisa. Como o procurador não se encontrava na ilha, a pesquisadora conversou apenas com o Comandante G, que informou que nesta ilha a maior movimentação de pessoas se dava durante dia no período das 8:00 as 11:00 horas e no período das 15:00 as 17:30, que são os horários que, normalmente, a pesquisadora não estava na rua.

Segundo o comandante G, estes são os horários que têm maior movimentação porque coincidem com o horário de chegada e partida dos barcos, pois os barcos começam a chegar ao Cais do Porto da Cidade a partir das 8:30 horas da manhã, horário no qual acontece a descarga de passageiros e de carga e as 9:30 começam a carregar

passageiros e cargas que vão para São Vicente. No período da tarde os barcos chegavam no porto a partir das 15:30 horas e partiam as 17:00 horas.

Ainda nesse dia o senhor G, apresentou a pesquisadora ao agente policial senhor A, que trabalha há três anos com crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco. Este senhor informou a pesquisadora os lugares que são freqüentados pelas crianças e adolescentes em situação de rua. Contou também da existência de um grupo de adolescentes que estavam na praia do Armazém, que ele denomina de crianças de rua porque segundo ele, estes adolescentes ficavam por algum tempo na praia do Armazém e sobreviviam com o que conseguiam através de pequenos trabalhos que realizavam na rua. Também disse que este grupo de cinco adolescentes meninos cozinhava na praia e dormia nos botes. Informou ainda, que estes adolescentes ficaram cerca de três meses nessa situação, e que havia três meses que estes adolescentes foram encaminhados para um centro de atendimento que fica situado na ilha de São Vicente.

A pesquisadora teve quatro encontros com o agente policial A, que deu informações mais detalhadas sobre os horários e lugares mais freqüentados pelas crianças e adolescentes. A pesquisadora também acompanhou o senhor A, por algumas vezes, na visita de acompanhamento que ele fazia as famílias das crianças e adolescentes que, segundo ele, se encontravam em situação de vulnerabilidade nessa cidade. Uma das famílias que visitamos foi de um adolescente de 16 anos de idade que o senhor A considera como menino de rua, mas segundo este senhor, há três meses, este adolescente foi morar com o pai. Na conversa que tivemos com o pai deste adolescente percebemos que ele estava satisfeito com a volta do filho para casa, uma vez que segundo ele (pai do adolescente) durante todo o tempo que o adolescente passou longe de casa (cerca de dois anos) ele estava preocupado porque não tinha nenhuma notícia do filho. O pai do adolescente nos relatou que naquele momento, o adolescente estava trabalhando com um tio dele e só voltaria para a casa a noite. Cabe ressaltar que este adolescente não participou da pesquisa porque a pesquisadora não conseguiu se encontrar com ele, apesar de procurá-lo por diversas vezes tanto nas ruas como na sua casa.

A segunda família que a pesquisadora visitou na companhia do senhor A, foi de dois irmãos gêmeos de cinco anos de idade. Apesar da pesquisadora não ter realizado entrevista com eles por causa do fator idade, foi o caso que mais chamou a sua atenção. Pois estes irmãos passavam dia inteiro na rua brincando e mendigando comida e dinheiro para se alimentar, uma vez que o pai deles é portador de uma doença crônica e

a mãe é alcoólatra. As crianças passavam dia inteiro na rua, mas, a noite voltavam para a casa da avó materna. A avó nos relatou que não tinha condições financeiras de sustentar estas crianças porque não tinha nenhuma fonte de renda e disse ser por isso que as crianças vão pedir esmola e comida na rua. O agente A, e o Procurador E, informaram que recentemente uma destas crianças sofreu abuso sexual na rua por um adolescente de 16 anos de idade. Como esta ilha não dispõe de nenhuma instituição de atendimento as crianças e adolescentes em situação de risco, estas crianças continuam nesta situação. O procurador informou ainda que estava averiguando a possibilidade de encaminhar estes irmãos para um centro de atendimento infantil que funciona como um abrigo na ilha de São Vicente.

A terceira família que visitamos é de uma criança de 10 anos de idade que fez parte da nossa pesquisa, (criança identificada na pesquisa como AA). Essa criança segundo a sua mãe e o agente A, passou alguns meses longe de casa e nesse período dormia às vezes na rua e às vezes na casa de amigos. Na altura da pesquisa constatamos que a criança passava grande parte do dia na rua, mas a noite voltava para a casa da mãe. O que percebemos é que a mãe é um pouco “*cúmplice*” da situação vivida pela criança, pois a mãe disse em uma das suas falas o seguinte: “*o meu filho vai para a rua porque ele sabe que a gente não tem o que comer... ele sabe que eu preciso de ajuda... sou deficiente e não tenho trabalho... sempre que ele consegue alguma coisa... dinheiro... comida... ele trás para casa*”. Numa das conversas que a pesquisadora teve com a criança durante a aplicação do questionário ele disse o seguinte: “*comecei a ir para a rua com 6 anos, porque o meu amigo me chamou para ir com ele.... mas ... depois ... às vezes minha mãe me dizia que eu tinha de ir para a rua e na casa das pessoas pedir comida e dinheiro, porque... senão a gente ficava com fome.... então eu ia*” (fala da criança AA de 10 anos idade).

Durante uma semana, a pesquisadora foi todos os dias, tanto no período da manhã como no período da tarde, para o Cais do Porto, por ser um lugar indicado como aquele que é mais freqüentado pelas crianças e adolescentes uma vez que é a porta de entrada da ilha. No primeiro dia, quando a pesquisadora chegou ao Cais, os barcos já tinham chegado e estavam a desembarcando os passageiros e as mercadorias. Nesse dia a pesquisadora só conseguiu observar a movimentação das pessoas que estavam desembarcando e outras que estavam comprando ticket para a viagem.

No segundo dia, a pesquisadora chegou ao Cais ao mesmo tempo em que os barcos estavam chegando e ficou no local até depois da partida dos mesmos. Nesse dia a

pesquisadora começou a observar o movimento de algumas crianças que se encontravam no local. Tanto no período da manhã como à tarde, existiam algumas crianças circulando no local do embarque. A maioria era adolescente que aparentava ter 12 a 16 anos que estavam ajudando as pessoas a carregar as mercadorias e levar para fora do Cais ou então colocar nos carros que estavam parados no local. Nesses dois dias nem no período da manhã nem no período da tarde a pesquisadora conseguiu observar como as crianças e adolescentes chegavam ao Cais

Cabe frisar que o local onde fica situado o Cais do Porto é num dos bairros mais nobres da cidade, pois ali se concentram as grandes instituições como a Câmara Municipal, Tribunal da Justiça, Procuradoria; Polícia, que são as instituições máximas da Cidade. Também existe nesse bairro a Guarda Costeira, Hotéis, Restaurantes, Pousadas, Supermercado, Agência de Viagens, Correios, Caixa Econômica, Escola Secundaria (Liceu) e Escola Primaria (Ensino Básico).

No terceiro dia, a pesquisadora foi novamente para o cais. E no trajeto até o cais observou os movimentos matinais da cidade. Nisso observou os carros que traziam passageiros e carga de outros municípios e vilas, as crianças e adolescentes que estavam indo para as escolas, vendedores ambulantes arrumando as mercadorias nas ruas, trabalhadores indo para o seu posto de trabalho etc. Ainda nesse caminho em direção ao Cais do Porto, na frente da pesquisadora tinha algumas mulheres ambulantes que aparentavam ter entre 30 e 45 anos de idade, com cestos e baldes na mão e na cabeça. Também no caminho a pesquisadora encontrou alguns adolescentes (meninos e meninas), e alguns carregavam cestos e baldes parecidos com os que as mulheres estavam carregando. Quando a pesquisadora chegou ao Cais, encontrou todas essas pessoas espalhadas por vários pontos do bairro – Alto Peixinho. Essas mulheres e adolescentes estavam vendendo queijo de leite de cabra, maçã de terra¹ entre outros artigos. Alguns se encontravam agrupados em três ou quatro pessoas e outras sozinhas.

Esses vendedores se concentram nesse bairro todos os dias tanto no período da manhã como no período da tarde porque segundo uma vendedora, “*Alto Peixinho por ser porta de entrada da Cidade e por ter uma concentração de serviços e comércio é o melhor lugar para vender porque tem muita movimentação de pessoas que estão chegando de viagem e que estão partindo*” (fala de uma vendedora ambulante de 38 anos de idade). Nesse dia, a pesquisadora também observou que existia cerca de três

¹ Maçã produzida na própria ilha.

crianças no local que não estavam vendendo nenhum produto, mas sim circulando nos diferentes pontos do bairro.

De repente, a pesquisadora constatou que aumentou o número de crianças e adolescentes tanto no local de desembarque como nos arredores, o que chamou a atenção da pesquisadora. A pesquisadora observou que existia no local três tipos de crianças e adolescentes. O primeiro tipo são crianças e adolescentes vendedores de queijo; segundo tipo, crianças e adolescentes carregadores de mercadorias, e o terceiro tipo crianças e adolescentes que aparentemente não tinham nenhuma atividade, uma vez que estavam apenas andando de um lado para outro nos arredores do Cais. Foram essas crianças que chamaram mais a atenção da pesquisadora na medida em que, a pesquisadora não conseguiu perceber num primeiro momento porque as crianças estavam nesse local, o que faziam, quem eram eles, e porque estavam sempre perambulando de um lado para outro.

No período da tarde a pesquisadora foi novamente para Alto Peixinho por volta de 15:00 horas e ficou no local até terminar o movimento no cais com objetivo de observar apenas as crianças e adolescentes que pareciam não ter nenhuma atividade fixa.

A partir desse dia, a pesquisadora foi para Alto Peixinho duas vezes por dia com o mesmo objetivo, observar apenas o terceiro tipo de crianças e adolescentes. Depois de alguns dias percebeu que estas crianças e adolescentes chegavam em grupos de no máximo três no Alto Peixinho e depois se separavam e se espalham por diferentes pontos do bairro. A pesquisadora observou também que a maioria das crianças, ficava sozinha e às vezes perambulava na companhia de mais um, fazendo assim uma dupla. Estas crianças ficavam a maior parte do tempo andando de um lado para outro na frente dos hotéis, pois esperavam as pessoas, na sua maioria turista, para pedir-lhes dinheiro, e também ficavam na frente das agências de viagens para pedir dinheiro para as pessoas que compravam tickets.

Cabe ressaltar que após a partida dos barcos, os veículos carregados de passageiros e mercadorias saiam do porto com destino a outros municípios e vilas. Os carregadores de carga e os vendedores de queijos também voltavam para as suas casas e as crianças que pedem dinheiro eram as últimas a abandonarem o lugar.

No final do mês de Abril, a pesquisadora começou a entrar em contato com algumas pessoas como, por exemplo, algumas mulheres e crianças vendedoras de queijos, Policiais, funcionários das agências de viagens, Guarda Costeira, funcionários

do Cais, carregadores de mercadorias e dono de quiosque da praia do Armazém, que a pesquisadora considerou fundamentais, uma vez que poderiam dar informações sobre as crianças que se encontravam em situação de rua na cidade de Porto Novo.

Antes da pesquisadora entrar em contato com essas pessoas, algumas delas já tinham abordado a pesquisadora na rua por algumas vezes perguntando quem ela era, o que fazia no local, porque estava todos os dias no Cais. A primeira pessoa que abordou a pesquisadora foi uma vendedora de queijo no Alto Peixinho, interessada em saber informações sobre a pesquisadora. Num outro dia à tarde quando a pesquisadora estava sentada atrás de um quiosque de informações e vendas de revistas, cartões, postais etc, observando as crianças que estavam tomando banho e brincando na praia do Quebra Búzios, e o desembarque do barco, um jovem rapaz de mais ou menos 30 anos de idade, se aproximou da pesquisadora e perguntou o que ela fazia de interessante nesse local? A pesquisadora respondeu que estava observando as crianças para fazer um trabalho da escola. O rapaz fez várias perguntas sobre a escola e o trabalho. A pesquisadora aproveitou o interesse dele para fazer algumas perguntas sobre a cidade, às pessoas e as crianças.

Depois destas abordagens, a pesquisadora começou a perceber que as pessoas tinham algumas curiosidades em relação à pesquisadora, principalmente aquelas pessoas que trabalhavam no Alto Peixinho, na medida em que todo dia a pesquisadora estava naquele local. Inicialmente a pesquisadora ficou preocupada porque não queria chamar atenção das pessoas, nem despertar curiosidade nelas, o que foi inevitável. Uma vez que para elas a pesquisadora era uma pessoa estranha que estava coletando informações sobre as crianças que faziam parte dos seus locais de trabalho. Depois destes acontecimentos a pesquisadora passou duas semanas sem ir para Alto Peixinho. Isso porque essa também era uma situação nova para a pesquisadora, pois era a primeira vez que estava tendo contato com essa realidade e era difícil para ela lidar com as reações das outras pessoas. É de realçar que o estranhamento era tanto por parte da pesquisadora como das crianças e adolescentes pesquisados e algumas pessoas que encontravam nos bairros mais freqüentados pela pesquisadora.

A pesquisadora aproveitou essas duas semanas para entrar em contato com as pessoas que foram mencionadas acima. Nisso, a pesquisadora foi primeiramente para a delegacia de polícia pegar a relação das crianças e adolescentes que estavam em situação de risco. Esse documento tinha cerca de 15 crianças e adolescentes que estavam em diversas situações de risco tanto em suas casas como nas ruas. Esse grupo

estava subdividido em delinqüentes, infratores com passagem pela policia, abandonados, e meninos de rua. Segundo o agente A, apesar da discussão sobre meninos de rua ainda não ter chegado à ilha de Santo Antão, pois não se ouve falar de meninos de rua em Santo Antão, é preciso fazer essa discussão, assim como um trabalho preventivo, porque os poucos meninos que existem nessa situação podem contribuir para que esse número aumente, na medida em que eles podem atrair outras crianças para a rua.

Durante o período em que a pesquisadora permaneceu na cidade da pesquisa, percebeu que o número de crianças e adolescentes em situação de rua é significativo, pois as crianças e adolescentes que fizeram parte da pesquisa mencionaram vários nomes de outras crianças e adolescentes que estavam em situação de rua. Percebe-se ainda que estas crianças e adolescentes pareciam estar oscilando entre a rua e a casa, o que nos faz pensar que a casa acaba por complementar a rua e vice-versa. É de realçar ainda que todos os entrevistados relataram que conheciam alguém na rua antes de começaram a ir para as ruas.

Cabe aqui colocar os depoimentos de uma vendedora de queijos que foi abordada pela pesquisadora no Alto Peixinho, e que relatou o seguinte: *“nesse local tem crianças de rua que eu sei... elas ficam pedindo dinheiro para os turistas... e outras pessoas também, e às vezes furtam frutas e outros produtos, no Cais... e existem outros ainda que lavam carros e vende queijos”* (fala de uma vendedora de queijos de aparentemente 35 anos de idade). Ela informou também o nome de alguns bairros freqüentados pelas crianças.

Os funcionários da Agência de Viagens e os da Guarda Costeira e do Cais, também informaram que sempre tem crianças no Alto Peixinho, e que elas freqüentam esse lugar nos horários dos barcos que é o horário de maior movimentação de pessoas. Estes funcionários disseram também que a pesquisadora podia encontrar essas crianças na praia dos Pescadores, Armazém, Quebra Búzios, nos bairros de Abufador (principalmente à noite), Berlim, Chã de Itália, Ribeira de Curujinho, Chã de Camoca, que, com a exceção de Abufador que é um bairro nobre e comercial, pois concentra grande parte dos comércios, bares, restaurantes e discoteca, todos os outros bairros são os mais pobres e carentes da cidade.

Um fato que chamou a atenção da pesquisadora nessa cidade é o movimento noturno. Se durante o dia só havia movimentação nos horários dos barcos, a partir das 19:00 horas a movimentação, principalmente no bairro do Abufador, duplicava. Durante

a noite era possível observar a presença de algumas crianças e adolescentes nessa rua. Algumas dessas crianças eram aquelas que se concentravam no Alto Peixinho. Essas crianças se encontravam na porta dos bares onde tinham vários grupos de pessoas jovens, adultos jogando baralho no qual faziam aposta em dinheiro.

Como esse era um dos lugares apontados por todas as pessoas contatadas como um lugar muito freqüentado por crianças e adolescentes, a pesquisadora passou a freqüentar esse lugar todas as noites para fazer a observação. O que constatou é que realmente existe uma presença significativa de crianças e adolescentes que freqüentam essa rua durante a noite. A pesquisadora percebeu também que de segunda a quinta feira essa rua tem maior movimentação das 20 as 00 hora; e nos finais de semana, sexta e sábado, esta rua tem movimento até 5 ou 6 horas da manhã e no domingo a movimentação vai até no máximo 2 horas da manhã. Cabe ressaltar que nos finais de semana é possível encontrar crianças e adolescentes nas portas dos bares, discoteca e nos postos de jogos até duas horas da manhã. Algumas destas crianças além de verem os adultos jogarem apostando dinheiro também jogam. Deste modo, a pesquisadora questionou o que as crianças e adolescentes faziam nas ruas até altas horas da noite? Se estas crianças estudavam e em que período, uma vez que eles permanecem até tarde nas ruas; e onde estariam os seus pais ou responsáveis?

Durante a entrevista um adolescente relatou o seguinte sobre os jogos de dinheiro

“eu sempre fico ali no jogo... porque tem uns homens que falam que a criança tem sorte no jogo... então quando eles estão perdendo eles me colocam para jogar por eles... eu tenho sorte no jogo... sempre ganho dinheiro no jogo... às vezes também fico só olhando ai um homem pergunta para mim em qual você quer apostar... ai eu falo... se ele ganhar... ele me dá dinheiro...” (fala do adolescente R, 13 anos de idade).

Outra criança também disse o seguinte:

“à noite eu sempre vou para Abufador... eu guardo algum dinheiro para jogar... os homens falam que eu tenho sorte no jogo... quando eu não tenho dinheiro para jogar eu fico pedindo e junto ai eu vou jogar... às vezes também eu fico perto dos homens que jogam... e eles me mandam comprar cerveja, aguardente ou ponche ai me dão um dinheirinho e guardo para jogar depois...” (fala da criança D, 11 anos de idade).

Uma situação que começou a preocupar a pesquisadora é o fato de ela ser Assistente Social, e estar fazendo a pesquisa sobre uma parte da camada jovem que se

encontra numa situação difícil e delicada, e isso poderia fazer com que as pessoas criassem algumas expectativas e achassem que a pesquisadora poderia fazer algo por aquelas crianças. Pois, algumas vezes algumas pessoas como, por exemplo, o dono do quiosque da praia do Armazém, e algumas vendedoras de queijo perguntaram se ela poderia encaminhar as crianças para alguma instituição de atendimento ou de formação profissional. Como também falaram para alguns moradores locais que a pesquisadora estava no local à procura das crianças e adolescentes em situação de rua porque pretendíamos ajudá-las. Apesar da pesquisadora explicar que estava fazendo apenas um levantamento, um estudo, continuaram pensando que estava trabalhando para alguma instituição de atendimento à criança e ao adolescente.

4.3

Algumas Observações e Reflexões Sobre o Grupo Pesquisado

Depois do mapeamento de todos os lugares freqüentados pelas crianças e adolescentes em situação de rua (Abufador, Alto Peixinho, Armazém, etc), no início do mês de Abril a pesquisadora começou a fazer os primeiros contatos, propriamente ditos, com as crianças e os adolescentes. O interesse nesse momento era de se aproximar o máximo possível das crianças e dos adolescentes para que pudesse construir um elo, uma relação de confiança entre ambos e com isso proporcionar as condições para aplicação dos questionários e da realização das entrevistas. Pois, só assim seria possível diminuir alguns riscos da informação ser incorreta.

O primeiro lugar no qual a pesquisadora foi a procura de crianças para a aplicação do questionário, foi o Bairro de Alto Peixinho que, como relatado anteriormente, é o bairro muito freqüentado pelas crianças e adolescentes em situação de rua, por ser a porta de entrada da cidade uma vez que é aqui que se situa o Cais do Porto da cidade.

Foi num sábado que a pesquisadora chegou nesse local por volta das 8:00 horas da manhã, para observar o movimento das crianças, e para tentar conversar com algumas delas. Nesse dia, a pesquisadora percebeu que duas crianças estavam caminhando junto com dois grupos de turistas.

O primeiro grupo de turistas era constituído por um casal aparentemente com 60 anos (homem) e 50 anos (mulher) de idade, e uma jovem com aproximadamente 25

anos de idade. A criança que os acompanhava era do sexo masculino e aparentava ter cerca de 10 anos de idade, usava uma bermuda verde e uma camisa vermelha, esta criança encontrava-se com os pés descalço. Essa criança ficou com esse grupo durante todo o tempo que permaneceram no Alto Peixinho cerca de 30 minutos. A outra criança também era do sexo masculino, aparentava ter entre 10 a 12 anos de idade, estava sem sapatos também, e com uma camisa azul escuro e uma bermuda. Esta criança ficou andando atrás de um grupo de turistas constituído por 4 pessoas jovens, que aparentavam ter entre 25 e 30 anos de idade. Este grupo era constituído por 3 rapazes e uma menina. A criança acompanhou este grupo de turista até a porta do Hotel Antilhas que é uma das referências da Cidade.

Cabe ressaltar que nesse dia a pesquisadora não teve a oportunidade de conversar com nenhuma destas crianças porque não conseguiu ver para onde eles foram. Isso aconteceu porque ao mesmo tempo em que a pesquisadora estava observando as crianças que estavam com os turistas estava também observando um grupo de cinco meninos todos descalços, alguns com camisa outros sem camisa apenas com bermudas que estavam sentados na forma de um círculo na praia de Quebra Búzios. Estes meninos estavam sentados perto de uma rocha que fazia sombra na areia e parecia que eles estavam preparando alguma coisa para comer. A pesquisadora passou algum tempo observando-os na tentativa de descobrir o que estavam fazendo e acabou por perder de vistas as outras crianças que estavam com os turistas.

No dia seguinte ao chegar ao Alto Peixinho a pesquisadora verificou que uma das crianças que estavam com o casal de turistas no dia anterior, estava no local. Esta criança estava sentada perto do quiosque de informações turísticas, local no qual a pesquisadora costumava ficar. Nesse dia a pesquisadora decidiu acompanhar apenas esta criança, esperando assim aparecer uma oportunidade para abordá-lo. Esta criança passou cerca de 10 minutos sentada perto do quiosque e depois saiu e foi abordar alguns turistas para pedir dinheiro. Essa criança abordou três turistas que estavam passando pelo local e depois foi ficar sentada perto da Agência de Viagem. Nesse momento, a pesquisadora foi ao encontro da criança e quando chegou ao local para abordá-lo, ele a antecipou, pensando que ia comprar ticket para viajar e disse, no dialeto local, “*dam 10 escudo...*”, que significa, me dá 10 escudos. Nisso, a pesquisadora perguntou no dialeto local *modi qui bu tchoma? Pa quê qui bu meste 10 escudo?* Que significa como é seu nome? E para quê que precisas de 10 escudos? Mas a criança não a respondeu e saiu

correndo, fugindo assim da pesquisadora. A pesquisadora tentou ir atrás dele, mas como a criança estava correndo rápido desapareceu rapidamente do local.

Esta situação gerou a seguinte pergunta: por que motivo a criança fugiu? No momento a pesquisadora observou que algumas pessoas que estavam no local tinham visto o acontecido. Como a pesquisadora estava próxima da agência de viagens, dirigiu-se ao local e perguntou ao senhor que vendia ticket se conhecia a criança. Ele respondeu que já havia visto, por algumas vezes, essa criança perambulando no local e pedindo dinheiro as pessoas que passavam pelo local.

Quando a pesquisadora saiu da agência de viagem quatro senhoras que vendiam queijos no local a perguntou por que aquele menino estava correndo dela? O que estávamos conversando com a criança? A pesquisadora respondeu que é estudante e que estava fazendo uma pesquisa, levantamento de dados e informação sobre meninos que se encontram em situação de rua. Perguntaram em seguida se trabalhava com meninos de rua. A pesquisadora respondeu que não, que estava apenas recolhendo algumas informações para a realização da dissertação de mestrado que é sobre crianças que se encontram em situação de rua. Sobre a criança que fugiu, a pesquisadora respondeu que não sabia por que ele teve essa reação.

Essas senhoras deram a mesma informação que o senhor da agência de viagem e acrescentou que a criança fugiu porque pensou que a pesquisadora estava trabalhando para a Câmara Municipal, pois esta instituição encaminhou algumas crianças e adolescentes que estavam nas ruas para um centro de atendimento na ilha de São Vicente. Segundo essas senhoras algumas crianças ficaram com medo de permanecer muito tempo na rua e como a criança não conhecia a pesquisadora poderia pensar que ela estava fazendo o recolhimento.

Depois de alguns dias a pesquisadora voltou ao local (Alto Peixinho), dando continuidade à rotina da pesquisa. Nesse dia o que chamou a sua atenção foi à presença de duas crianças que estavam brincando em cima do Cais. As duas crianças são do sexo masculino, uma aparentava ter 12 anos de idade² e a outra aparentava ter 7 anos de idade. As duas crianças estavam sem chinelo e/ou sapato e vestiam uma bermuda e uma camiseta. Estas crianças andavam de uma ponta a outra do Cais. Com a saída dos barcos, dos carros e das pessoas do Cais as crianças foram para o local onde os barcos estavam ancorados. Eles tinham uma vara de pescar e começaram a pescar. Como a

² Esta criança tem 10 anos de idade. É o nosso principal informante e será identificada no estudo como criança RR.

pesquisadora estava sentada atrás do quiosque, desceu e foi até ao Cais para poder observar da melhor forma o que as crianças estavam fazendo e tentar abordá-las. A pesquisadora se aproximou das crianças e perguntou o que eles estavam fazendo. O mais velho respondeu que estavam pescando, e contou ainda que todos os dias iam para este lugar pescar porque ele ajudava o seu tio na pescaria e também porque ele gosta de estar perto de mar.

Esta criança fez várias perguntas sobre a cidade da pesquisadora e porque estava em Santo Antão. A pesquisadora respondeu que estava fazendo um trabalho da escola, mas que não ia ficar por muito tempo nesta ilha. Nisso ele falou que tinha que ir embora porque ele tinha que ir ao encontro do tio. No caminho ele fez várias perguntas sobre o trabalho e o Brasil. Todas as perguntas foram respondidas, mas quanto ao trabalho a pesquisadora ficou com um pouco de receio de dizer que era sobre crianças em situação de rua porque não queria que ele tivesse uma reação parecida com o que a criança da semana anterior teve. Isso porque quando a pesquisadora estava no cais conversando com ele, perguntou-o quantas vezes ele ia para o Cais, e a criança respondeu que ia todos os dias. A pesquisadora perguntou também quantas horas ele passava fora de casa? O menino respondeu que ficava muito tempo, às vezes de manhã e tarde, às vezes ficava até ao anoitecer. Então começou a desconfiar que ele pudesse ser uma criança que está em situação de rua.

Depois de alguns dias, a pesquisadora encontrou com essa criança novamente no mesmo lugar, só que desta vez ele estava sozinho. A pesquisadora perguntou por que o seu primo não estava com ele e a criança respondeu que seu primo ainda é pequeno, e que só ia para Alto Peixinho quando ele ia buscá-lo em casa. A pesquisadora perguntou o que ele estava fazendo no Alto Peixinho uma vez que não estava com o material da pesca. Respondeu que veio passear e ver os barcos. Então, a pesquisadora convidou-o para ficarem juntos e ver os barcos. A criança aceitou e ficou com a pesquisadora no local por cerca de 1 hora e 20 minutos. Como havia algumas crianças circulando no local, a pesquisadora perguntou se ele as conhecia. Ele respondeu que sim. Segundo ele, são crianças que pedem dinheiro na rua, ficam andando por vários pontos da cidade, e ajudam nos pequenos serviços para conseguirem dinheiro. A criança RR, disse ainda que conhecia a maioria deles. A pesquisadora perguntou se ele já tinha ficado algumas vezes com eles, RR respondeu que um daqueles meninos é seu amigo e eles costumam ficar juntos. A pesquisadora perguntou se ele pedia dinheiro na rua. A criança

respondeu que não. Cabe aqui realçar que depois de duas semanas, quando a criança RR estava respondendo o questionário, relatou que costumava pedir dinheiro na rua.

Pelo fato da criança RR, ser a única criança que até o momento a pesquisadora teve mais contato e também por ele não ter ficado assustado com as suas perguntas, a pesquisadora pensou que seria importante se aproximar o máximo possível dele na medida em que ele poderia ser a informante chave e poderia colocá-la em contato com as outras crianças. Nesse sentido, a pesquisadora explicou para a criança RR em que consistia o trabalho que estava fazendo, e porque todos os dias estava no bairro do Alto Peixinho. Quando a pesquisadora terminou de explicar o que estava fazendo nesta cidade, a criança RR disse que ele não era menino de rua, que ele ia para Alto Peixinho todos os dias, mas ele tem casa e tem mãe e pai. A pesquisadora ficou algum tempo pensando sobre o que a criança tinha relatado. A primeira impressão que a pesquisadora teve é que ele não queria ser identificado como menino de rua. Depois a criança RR, disse que se a pesquisadora o quisesse poderia mostrá-la aos meninos de rua e poderia também levá-la para os lugares que eles costumavam freqüentar.

No Alto Peixinho a criança RR, mostrou quatro crianças que ele chama de meninos de rua. Ele disse que eram meninos de rua porque alguns deles dormiam na rua, pediam dinheiro e comida na rua e não iam para a escola. A pesquisadora achou interessante a definição que ele deu sobre os meninos de rua, que coincidi com o que o senso comum chama de meninos de rua. Relatou ainda que naquele momento as crianças costumavam ficar nas praias de mar porque os barcos já foram embora e não tem mais movimento no Cais.

Estávamos caminhando em sentido da praia dos Pescadores quando a pesquisadora percebeu que a criança RR, estava um pouco afastada dela. A pesquisadora deu um tempo para que ele pudesse se aproximar, mas isso não acontecia porque a criança RR parava também. Então a pesquisadora se aproximou dele e perguntou por que ele estava afastado. A criança RR respondeu que não queria que as pessoas vissem que ele estava andando junto com a pesquisadora. A pesquisadora perguntou o porquê. Ele respondeu que as pessoas podiam pensar que ele estava pedindo dinheiro. Desse modo, a pesquisadora afastou-se como ele queria.

É de realçar que por alguns momentos a pesquisadora ficou pensando no comportamento da criança RR, uma vez que ele já tinha dito que não era criança de rua, então não tinha com que se preocupar. Foi a partir deste momento que a pesquisadora

começou a ter alguns indícios de que a sua suspeita de que a criança RR poderia ser uma criança que estava em situação de rua estava certa.

Três dias depois, a pesquisadora encontrou com a criança RR numa rua perto de Alto Peixinho. Então, ele a levou para alguns bairros no qual poderia encontrar algumas crianças em situação de rua. Neste sentido, fomos primeiramente para a praia de Quebra Búzios, mas não encontramos nenhuma daquelas crianças que ele chama de “*meninos de rua*”. Depois fomos para a praia do Armazém, encontramos algumas das crianças que ele conhecia, mas, ficamos apenas observando. Em seguida fomos para o bairro do Abufador, mas não encontramos nenhuma criança nesse local, RR disse que nesse bairro só tem crianças à noite como algumas outras pessoas já tinham informado.

Um fato percebido é que a criança RR pensava que a pesquisadora trabalhava para a Câmara Municipal e que estávamos recolhendo informação para poder encaminhar as crianças para a ilha de São Vicente. Pois, por várias vezes, pareceu que ele estava com medo e repetia com frequência que estava na escola, que dormia em casa, que tinha família. Isso deixou a pesquisadora um pouco preocupada porque assim como este informante estava reafirmando que não é menino de rua, outras crianças poderiam fazer a mesma coisa por terem medo de serem encaminhados para uma instituição, ou por serem estigmatizados, excluídos ou ainda identificados como meninos de rua.

A questão do sigilo e o medo de sofrer repressão ou violência por parte de outras crianças e adolescentes apareceu por algumas vezes nas falas das crianças. Isso porque sempre que se perguntava para eles se conheciam outras crianças que estavam em situação de rua. Eles respondiam positivamente, informavam os lugares no qual poderiam ser encontrados, mas se recusavam acompanhar a pesquisadora, com a exceção do informante RR, que acompanhou a pesquisadora por vários bairros da cidade a procura de informações. Alguns deles relataram o seguinte: “... *eu sei onde eles estão, mas você tem que ir sozinha... porque se o adolescente O, (adolescente de 16 anos de idade que está em situação de rua) descobrir que foi eu que falei dele... ele vai me bater*” (fala da criança AA de 10 anos de idade).

Outra criança disse também “... *sei onde eles estão... às vezes eu ando com eles... tenho medo dos meninos mais velhos... eles são abusados... se eles descobrirem que fui eu que falei para você que eles são de rua... eles vão me pegar... e tomar todas as minhas coisas...*” (fala do adolescente R, 13 anos de idade).

A pesquisadora também presenciou na rua, o comportamento de alguns adolescentes que a olhava de cara feia, tentando intimidar as crianças que estavam na sua companhia. Os adolescentes chamavam as crianças de nomes pejorativos, estigmatizantes, como, por exemplo, menino de rua.

Cabe ressaltar aqui um fato que aconteceu na rua do Abufador, no qual a pesquisadora estava caminhando na companhia de duas crianças que fazem parte desta pesquisa, e percebeu que um grupo de três adolescentes que pareciam ter entre 16 e 19 anos de idade estava seguindo-a. A pesquisadora perguntou para as crianças se os conhecia, e responderam que sim, que são eles que tomam as suas coisas, e fazem abusos nas crianças mais novas.

A pesquisadora ficou sabendo que são esses adolescentes que são considerados delinquentes, por praticarem atividades ilícitas como pequenos roubos, furto e perturbam a ordem, e, por isso, já tem algumas passagens pela polícia. Depois de algumas semanas a pesquisadora estava caminhando no Abufador, este grupo de três adolescentes a abordou na rua. Eles queriam saber por que a pesquisadora estava pegando informações sobre eles com as crianças mais novas e porque os seus nomes estavam na lista. No início a pesquisadora ficou um pouco assustada. Então, a pesquisadora perguntou de que lista eles estavam falando. Um deles respondeu que eles ficaram sabendo que a pesquisadora estava procurando meninos de rua, e que tinha uma lista com nome dos meninos que vão ser encaminhados para a ilha de São Vicente, e que eles estavam nessa lista.

Mais uma vez o problema foi o medo do recolhimento. Percebe-se que o recolhimento era como se fosse um “*fantasma*” que estava perseguindo as crianças e adolescentes dessa pequena cidade. Esta realidade é bem visível no Rio de Janeiro, pois é constate a operação de recolhimento das crianças e adolescentes em situação de rua. As crianças e adolescentes que se encontram nesta situação no Rio de Janeiro sentem medo desta operação, na medida em que às vezes é realizada com muita violência. Não temos informações se realmente é realizado esse tipo de operação em Cabo Verde. O que sabemos é que por algumas vezes as instituições realizam abordagens na rua, mas ela não é feita de uma forma violenta como acontece no caso do Rio de Janeiro, uma vez que a criança ou adolescente é perguntado se quer ou não ir para os centros de atendimento. A criança e o adolescente nesta ilha tinham medo desta operação porque ficavam longe das suas famílias uma vez que eram encaminhados para a ilha de São Vicente.

O que esse grupo de adolescentes não sabia é que essa foi uma medida emergencial tomada pela Câmara Municipal local, para tirar os adolescentes que estavam morando na praia do armazém. A pesquisadora passou cerca de meia hora conversando com esse grupo de adolescentes, explicando que não era funcionária da Câmara Municipal e que o seu objetivo não era encaminhar as crianças e os adolescentes para São Vicente, mas sim estava pesquisando se realmente existiam crianças e adolescentes em situação de rua nessa cidade. No final, a pesquisadora perguntou se poderiam contribuir para o estudo, dando algumas informações. Aceitaram, mas não apareceram no local combinado.

Passadas duas semanas a pesquisadora encontrou o seu informante, a criança RR e mais quatro crianças que tinham entre 10 a 14 anos de idade no bairro do Alto Peixinho. Quando a criança RR viu a pesquisadora foi ao encontro dela e disse que as crianças que estavam com ele ficavam na rua pedindo dinheiro, e que a pesquisadora podia fazer entrevista com eles porque ele já tinha falado com os seus amigos sobre o trabalho da pesquisadora.

A pesquisadora não sabia se era por causa da presença de outras crianças, mas, pela primeira vez percebeu que o seu informante estava descontraído e sem preocupação de ser visto, identificado por outras pessoas ou com receio do que outras pessoas estavam pensando dele. Os amigos de RR se mostraram interessados em participar da pesquisa e marcamos de nos encontrar no dia seguinte no Abufador.

Na terceira semana do mês de Junho iniciou-se a aplicação dos questionários. O primeiro questionário foi respondido pelo informante, à criança RR, ele estava um pouco ansioso, agitado e inquieto. A pesquisadora tentou tranquilizá-lo dizendo para ele não se preocupar porque era apenas um teste e que não ia colocar o seu nome no trabalho. O questionário foi aplicado numa lanchonete que fica na rua do Abufador, local no qual quase todos os questionários foram aplicados. O primeiro questionário foi aplicado num período de uma hora e meia.

Para aplicação dos questionários era preciso marcar com antecedência o dia e a hora com as crianças, porque era difícil encontrá-los no mesmo lugar. Cabe dizer ainda, que apesar de marcamos o dia e a hora algumas crianças não apareceram, e tivemos que remarcar por várias vezes com uma mesma criança, e tiveram outras crianças que não apareceram e não tivemos como pegar as informações.

Apesar das crianças já terem se encontrado com a pesquisadora, por algumas vezes, antes da aplicação dos questionários, percebeu-se que a maioria delas estava

tímida e não olhava para os olhos da pesquisadora. Pois as crianças respondiam as perguntas com o rosto para o chão. Foi percebido também que as perguntas relacionadas a família, principalmente sobre o tipo de relacionamento que existe entre os seus pais, as crianças demoravam muito tempo para responder. Teve crianças que não respondeu a pergunta sobre a família, quando perguntamos pela primeira vez. Então foi necessário repetir a pergunta no final da entrevista.

O que ficou muito claro para a pesquisadora, desde o primeiro momento, é que as crianças tinham muita resistência em responder as perguntas sobre as famílias. Apesar disso, a pesquisadora não podia deixar de fazer estas perguntas por que eram elas que possibilitavam identificar as crianças como “*filho de dentro*” ou “*filho de fora*”. Por isso foi necessário insistir, para que as crianças pudessem responder estas perguntas. Também foi percebido que as crianças não gostavam de falar sobre os seus pais (homem), e não os tinham como referência ao contrário da mãe, como iremos ver no capítulo que se segue.

Cabe destacar aqui três adolescentes de 14, 15 e 16 anos que tiveram um comportamento muito diferente das outras crianças. Estes não eram tímidos respondiam as perguntas de uma forma muito rápida. Estes adolescentes falavam de suas famílias de uma forma desinibida. Estes adolescentes falaram dos seus pais (homem) de uma forma triste e por algumas vezes repetiam que não tinham pai. Cabe ressaltar também que durante a aplicação do questionário estes adolescentes falavam de vários assuntos e por isso tivemos de recomeçar várias vezes. Estes adolescentes aproveitavam esse espaço para desabafar e colocar os seus problemas com suas famílias, falaram dos vizinhos, dos seus amigos e da sua vida privada.

Durante os seis meses da pesquisa, foi percebido que despertamos a curiosidade das pessoas, uma vez que a pesquisadora passava muito tempo na rua com as crianças. Apesar de tentar ser discreta a todo o momento, a curiosidade foi inevitável. Essa situação contribuiu para a existência de algumas inquietações porque não era o nosso objetivo expor as crianças pesquisadas. Porque até então estas crianças e adolescentes, apesar de estarem em situação de rua, não eram percebidas. E de repente, as pessoas e, principalmente, outros adolescentes, começaram a olhar para eles de uma forma estranha e chamando-os de meninos de rua, o que gerou um sentimento de angustia na pesquisadora. O que nos chamou mais atenção é que apesar deles sentirem que estavam sendo observados e estigmatizados quando estavam na presença da pesquisadora, isso

não os afastou da pesquisadora ao contrário eles continuaram a procurá-la e interessados em responder aos questionários.

Demorou-se cerca de três meses para começar a aplicar os questionários porque foi difícil o processo de aproximação com o público pesquisado. Era necessário observar o dia a dia delas, acompanhá-las em algumas das suas atividades, e criar condições da aplicação dos questionários. Isso exigiu um alto grau de envolvimento e comprometimento com o grupo estudado. A aplicação dos questionários só foi possível quando existia uma relação, elo, vínculo entre a pesquisadora e as crianças e adolescentes entrevistados para garantir que as informações dadas fossem o mais próximo possível da verdade. Em seguida passaremos a apresentar os resultados da pesquisa.